

# A severidade do desvio fonológico com base em traços

Cristiane Lazzarotto-Volcão

Unipampa/UCPel (Pelotas, Brasil)

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

UCPel/CNPq (Pelotas, Brasil)



**Resumo** – Este artigo apresenta uma proposta de classificação do grau de severidade do desvio fonológico, com base em traços, levando em consideração a natureza fonológica do sistema desviante. A proposição é feita após a referência a algumas abordagens de categorização de desvios já existentes na literatura. Ao final, são descritos os dados de cinco sujeitos portadores de desvios fonológicos e é analisado o grau de severidade desses desvios com base na proposta apresentada no artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** desvios fonológicos; grau de severidade; classificação qualitativa.

---

## Introdução

As contribuições da Teoria Fonológica para a área da Fonoaudiologia e da Fonologia Clínica têm sido cada vez mais evidenciadas em pesquisas e publicações brasileiras. Esses estudos têm possibilitado aprimorar a avaliação e a terapia dos casos de Desvio Fonológico (DF). Pelas particularidades que os diferentes casos de desvio apresentam, um aspecto que ainda merece ser discutido é a possibilidade de classificação do grau de severidade do DF, tanto para fins de pesquisa, como para diagnóstico e prognóstico terapêutico.

Pela relevância e implicações do tema, a literatura relacionada a Desvios Fonológicos apresenta diferentes classificações do grau de severidade do desvio, tendo como base motivações diversas. Considerando-se a existência de controvérsias, este trabalho vem aliar-se ao debate, apresentando uma proposta de classificação do grau de severidade do desvio que leve em conta a natureza fonológica do sistema desviante. Tendo em vista tal objetivo, a proposta tem suporte em unidade basilar para a teoria fonológica: os traços distintivos.<sup>1</sup>

## 1 Formas de classificação dos desvios

Considerando o registro, na literatura vinculada à área de Desvios Fonológicos e de Fonologia Clínica, de diferentes abordagens relativamente à avaliação e à atribuição de graus de severidade dos DF, apresentamos uma síntese daquelas classificações mais utilizadas

na terapia e na pesquisa fonoaudiológica, dividindo-as, quanto ao seu *modus operandi*, em *quantitativas* e *qualitativas*.

### 1.1 Medidas quantitativas de classificação dos desvios

Como exemplar característico de classificação do grau de severidade de DF com base quantitativa, é aqui apresentada a proposta de Shriberg e Kwiatkowski (1982). Os autores criaram um sistema de classificação de desvios, a partir de dados de 43 sujeitos com DF, através do cálculo do Percentual de Consoantes Corretas (PCC). De acordo com essa proposta, as alterações fonológicas podem ser classificadas como é mostrado em (1).

- (1) (a) desvio severo, com percentuais de consoantes corretas menores do que 50%;
- (b) desvio moderado-severo, com percentuais de consoantes corretas entre 50% e 65%;
- (c) desvio médio-moderado, com percentuais de consoantes corretas entre 65% e 85%; e
- (d) desvio médio, com percentuais de consoantes corretas maiores que 85%.

No Brasil, dentre outros, há o trabalho de Keske-Soares (2001), que utilizou o PCC na classificação dos DF de 35 sujeitos, falantes do português brasileiro (PB). Além dessa medida, a autora utilizou outros percentuais, a saber: Percentual de Consoantes Corretas em Onset (PCC-O) e em Coda (PCC-C), Percentual de Consoantes Incorretas (PCI), Relação de Consoantes Corretas-Incorretas (RCCI), Percentual de Consoantes Omiti-

<sup>1</sup> Para a proposição deste artigo, foram utilizados os traços que integram o modelo de geometria apresentado por Clements e Hume (1995).

das (PCO), Percentual de Consoantes Substituídas (PCS), Percentual de Consoantes Omitidas em Onset (PCO-O) e em Coda (PCO-C), Percentual de Consoantes Substituídas em Onset (PCS-O) e em Coda (PCS-C), Relação Omissão-Substituição (ROS), Relação Omissão Onset/Coda (RO-O/C), Relação Substituição Onset/Coda (RS-O/C) e Naturalidade e Não-naturalidade do sistema fonológico.

Essas medidas quantitativas, de certo modo, são capazes de mostrar a gravidade, ou não, de um caso de DF, por meio da análise numérica de emprego correto ou incorreto de consoantes no sistema desviante. Contudo, não levam em conta alguns aspectos relevantes para se entender a natureza do desvio apresentado. Essas medidas não levam em consideração a natureza fonológica do erro, uma vez que dão o mesmo tratamento para a substituição de uma líquida por outra líquida e de uma líquida por uma plosiva, por exemplo, sendo este caso menos freqüente do que o primeiro e, portanto, podendo essa diferença configurar em indicativo de severidade do desvio.

Além disso, há que se considerar que, muitas vezes, as crianças podem evitar a produção de itens lexicais que contenham fonemas ainda problemáticos, especialmente quando tiverem uma boa consciência de seus “erros” fonológicos. Nesse caso, teremos uma baixa produção de unidades lexicais que contenham o alvo não adquirido pela criança, podendo elevar os índices de PCC, PCO e PCS, desfigurando a realidade de seu sistema fonológico. Por outro lado, o sujeito pode produzir um maior número de palavras-alvo que apresentam o segmento ainda não adquirido e, dessa forma, os índices acima referidos podem diminuir falsamente.

## 1.2 Medidas qualitativas de classificação dos desvios

Em relação à utilização de análises qualitativas para a avaliação da severidade de DF, são aqui citadas as propostas de Grunwell (1997), Keske-Soares (2001) e de Lazzarotto (2005).

Grunwell (1997) caracterizou os DF em três categorias de desenvolvimento, apresentadas em (2).

- (2) a) desenvolvimento atrasado – quando a criança apresenta padrões de pronúncia normais, mas a aquisição se dá de forma mais lenta do que o esperado;
- b) desenvolvimento variável – a criança utiliza padrões de estágios diferentes; e
- c) desenvolvimento diferente – a criança usa padrões incomuns no desenvolvimento fonológico normal.

Com essa caracterização, a autora apresenta uma tipificação de DF que se configura como uma gradação da severidade do desvio, levando em conta o funcionamento do sistema da criança.

Keske-Soares (2001) propôs uma tipologia para a classificação dos DF, conforme aparece em (3), com base em características encontradas nos sistemas fonológicos dos sujeitos estudados.

- (3) a) sujeitos com DF com características incomuns – cujos sistemas estão bem defasados em relação ao sistema padrão de crianças mais jovens com desenvolvimento normal, sendo caracterizados por processos incomuns e preferência sistemática por um som;
- b) sujeitos com DF com características iniciais – cujos sistemas fonológicos são similares aos encontrados no desenvolvimento inicial da aquisição fonológica; e
- c) sujeitos com DF com características atrasadas – cujos sistemas fonológicos evidenciam alterações encontradas no estágio final da aquisição fonológica normal.

Em Lazzarotto (2005), foi proposta uma classificação qualitativa de DF, tendo, como unidade básica de análise, o traço distintivo e considerando, como parâmetro, as quatro grandes classes de consoantes constitutivas dos sistemas fonológicos das línguas naturais: plosivas, fricativas, nasais e líquidas. Assim, nesse trabalho (op. cit.), foram estabelecidas três categorias de sistemas consonantais, discriminadas em (4), representantes de três graus diferentes de DF.

- (4) a) Categoria 1 – sistemas consonantais com um nível mínimo de contrastes – presença de segmentos representantes das classes [-soante, -contínuo] e [+soante, +nasal], com possibilidade de mais um tipo de coocorrência de traços representativa de uma terceira classe de consoantes;
- b) Categoria 2 – sistemas consonantais com um nível médio de contrastes – presença de segmentos representantes das classes [-soante, -contínuo], [+soante, +nasal], [+consonantal, +aproximante], com possibilidade de mais um tipo de coocorrência de traços representativa de uma quarta classe de consoantes;
- c) Categoria 3 – sistemas consonantais com um nível alto de contrastes, embora ainda não apresente todos os contrastes da língua-alvo – presença das classes [-soante, -contínuo], [+soante, +nasal], [+consonantal, +aproximante] e [-soante, +contínuo], com possibilidade de mais um tipo de coocorrência de traços representativa das duas últimas classes a serem adquiridas no processo normal de aquisição da linguagem, segundo a literatura da área, as quais são constituídas por consoantes [-soante, +contínuo] e [+aproximante, +consonantal].

Tal proposta, estabelecida a partir da análise da fonologia de três crianças portadoras de DF, tinha seu fundamento nos traços distintivos como unidade

fonológica e como unidade essencial na constituição de segmentos e de classes de segmentos.

## 2 Revendo a proposta de Lazzarotto (2005)

A proposta em (4) pareceu adequada para a classificação dos sistemas fonológicos dos sujeitos analisados em Lazzarotto (2005). Contudo, ao ser utilizada para um maior número de sujeitos, a proposta pareceu não dar conta da representação de diferenças importantes na formação de inventários fonológicos. Um exemplo está em ser possível a Categoria 3 reunir, em um mesmo grupo, sistemas fonológicos de natureza distinta. Amostra disso é a possibilidade de reunir gramáticas que não apresentam, em seu quadro fonológico, apenas a líquida /r/ e gramáticas que não apresentam as fricativas coronais e as líquidas não-laterais.

A partir dessa constatação, a proposição apresentada neste artigo é de uma reformulação da proposta mostrada em (4). Ainda defendendo o uso do traço distintivo como unidade básica para uma adequada avaliação de DF que pretenda aferir comportamento fonológico, sugerimos uma reescritura da Categoria 3 e a inclusão de uma Categoria 4. Assim, apresentamos uma nova proposta de classificação do grau de severidade do desvio capaz de levar em conta a natureza fonológica do sistema desviante, conforme é mostrado em (5).

- (5) a) Categoria 1 – sistemas consonantais com um nível mínimo de contrastes – presença de segmentos representantes das classes [-soante, -contínuo] (plosivas) e [+soante, +nasal] (nasais), com possibilidade de mais um tipo de coocorrência de traços representativa de uma terceira classe de consoantes;
- b) Categoria 2 – sistemas consonantais com um nível médio de contrastes – presença de segmentos representantes das classes [-soante, -contínuo] (plosivas), [+soante, +nasal] (nasais), [+consonantal, +aproximante] (líquidas), com possibilidade de mais um tipo de coocorrência de traços representativa de uma quarta classe de consoantes;
- c) Categoria 3 – sistemas consonantais com um nível médio-alto de contrastes, com a presença das classes [-soante, -contínuo] (plosivas), [+soante, +nasal] (nasais), [+consonantal, +aproximante] (líquidas) e [-soante, +contínuo] (fricativas), sendo que, dentre as duas últimas classes, a quantidade permitida de coocorrências de traços relativos a ponto de articulação é de, no máximo, quatro;
- d) Categoria 4 – sistemas consonantais com nível alto de contrastes, com a presença das quatro classes principais de consoantes (plosivas, nasais, líquidas e fricativas), tendo presentes cinco ou mais co-ocorrências de traços relativos a ponto de articulação.

Merece destaque o fato de que, estabelecida com base em traços, a proposta apresentada em (5) somente refere traços de ponto de consoantes nas Categorias 4 e 5, que refletem sistemas com maior número de segmentos – apenas nesses sistemas os traços de ponto parecem mostrar-se significativos para a determinação da severidade dos desvios; nas Categorias 1 e 2, os traços relacionados a modo parecem ser suficientes para a caracterização do DF.

O entendimento da pertinência da proposta da categorização de desvio de acordo com (5) tem suporte na ordem de emergência de segmentos e de classes naturais verificada no processo de aquisição fonológica considerado normal, bem como em tendências universais apontadas para a constituição dos inventários das línguas do mundo e em relações implicacionais universais, conforme propositura reconhecida como jakobsoniana. Acreditamos que esse fundamento é viabilizado pelo fato de a proposta estar embasada em traços fonológicos. Além disso, tal proposta é capaz de também subsidiar uma classificação de desvios, como mostramos em (6).

Considerando as limitações das medidas quantitativas, de acordo com referências exemplificativas na seção 2.1, propomos, neste artigo, uma classificação dos desvios cuja base está relacionada com o comportamento de traços distintivos, que é a unidade que está subjacente à constituição de sistemas fonológicos. Tal classificação de severidade dos DF, explicitada em (6), tem, portanto, de estar relacionada com a proposta mostrada em (5).

- (6) a) desvio leve – nível que integra crianças que apresentam sistemas pertencentes à Categoria 4, conforme discriminação em (5);
- b) desvio moderado – nível que integra crianças que apresentam sistemas pertencentes à Categoria 3, conforme discriminação em (5);
- c) desvio moderado-severo – nível que integra crianças que apresentam sistemas pertencentes à Categoria 2, conforme discriminação em (5); e
- d) desvio severo – nível que integra crianças que apresentam sistemas fonológicos enquadrados na Categoria 1, conforme discriminação em (5).

O funcionamento da proposta aqui apresentada, assim como um teste de sua adequação tem exemplo na análise dos dados de cinco sujeitos com desvio fonológico, integrantes do AQUIFONODES.<sup>2</sup>

## 3 Uma aplicação da nova proposta de categorização de severidade de desvio

Buscando o atendimento ao requisito, considerado fundamental neste artigo, de embasar a avaliação de

<sup>2</sup> Banco de Dados que integra dados de crianças com Desvio Fonológico, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel.

Desvios Fonológicos no comportamento da fonologia que se mostra desviante a partir da análise de traços distintivos, nesta seção é apresentado um exemplo de análise dos *corpora* de cinco sujeitos portadores de DF, realizada com o suporte da proposta de classificação do grau de severidade do desvio conforme é mostrada em (5) – é um teste de sua pertinência para a identificação e diferenciação de sistemas consonantais, assim como para a categorização da natureza fonológica e da severidade do sistema desviante, em concordância com os níveis discriminados em (6).

### 3.1 Caracterização dos sistemas fonológicos dos sujeitos deste estudo

#### 3.1.1 Sujeito 1 – S1

S1 apresenta um sistema fonológico com poucos contrastes. Na posição de AO,<sup>3</sup> S1 demonstra uma dificuldade no estabelecimento do contraste do ponto articulatorio na classe das plosivas, em relação ao traço [coronal] – curiosamente o traço de ponto considerado menos marcado, o que pode ser comprovação de constituir este, de fato, um caso de desvio – e também uma dificuldade no estabelecimento do contraste de [ $\pm$ voz]. Na classe das fricativas também podemos verificar problemas quanto aos contrastes de ponto e de voz, em se tratando das coronais. Além disso, esses segmentos também apresentam problema com o traço [+contínuo]. Em relação às nasais e às líquidas que ocorrem nessa posição no PB, S1 ainda não adquiriu a nasal coronal, nem mesmo as líquidas // e /r/, deixando de realizar qualquer segmento em seus lugares na posição de *Onset* Absoluto.<sup>4</sup>

Na posição de OM, verificamos que as plosivas labiais estão adquiridas, que as coronais apresentam problemas com o contraste de ponto e de voz e que as dorsais apresentam problemas com o traço [+voz]. Em relação às fricativas, as labiais estão adquiridas e as coronais apresentam problemas com o contraste de ponto e com o traço [contínuo]. Em relação às nasais, apenas a labial está adquirida, sendo que as coronais não são realizadas. Já com as líquidas, verificamos que, em algumas produções, esses segmentos têm um zero fonético em seu lugar e, em outras, são semivocalizados.

Quanto às sílabas, S1 ainda não adquiriu as estruturas (C)VC e CCV. Cabe ressaltar que, na variante falada pelos quatro sujeitos aqui estudados, a líquida // é realizada como glide em posição de coda de sílaba. Neste trabalho,

estamos considerando que o glide faz parte do núcleo silábico, formando um núcleo complexo com a vogal precedente (FREITAS, 1997; BONILHA, 2000; MATEUS e D'ANDRADE, 2000). Da mesma forma, a nasal em CF também é realizada como um glide, formando novamente um núcleo complexo. Assim, no presente artigo, vamos considerar os segmentos /S/, /r/ e /N/ na CM e o segmentos /S/ e /r/ na CF.

O sistema consonantal de S1 é constituído, portanto, pelos seguintes segmentos:

- a) em *onset* silábico – /p, b, k, f, v, m/
- b) em coda silábica – /L, N/

#### 3.1.2 Sujeito 2 – S2

No sistema de S2, na posição de OA, as plosivas labiais e dorsais estão adquiridas, enquanto que as coronais são realizadas como coronais em concorrência com outros sons. O /t/ é realizado foneticamente como [t] em concorrência com o [s], revelando uma dificuldade de estabelecimento do traço [-contínuo]. Já o /d/ é realizado como [d], [g] e [n], demonstrando dificuldades com o estabelecimento dos traços [-nasal] e [coronal].

Em relação às fricativas, as coronais [+anterior] e [-anterior, -sonoro] já foram adquiridas. Já no caso da realização das labiais, S2 apresenta uma dificuldade no estabelecimento do contraste labial x coronal, pois realiza o /f/, como [f] e [s], e o /v/, como [v], [s], [z] e [m]. No caso do alvo /v/, além da dificuldade com o traço de ponto, há uma dificuldade com o traço [+voz] e [-nasal]. A fricativa coronal [-anterior, +voz] ainda não está adquirida, tendo sido deixada de ser realizada ou realizada como [ʒ] e [z], evidenciando problemas com o traço [-anterior].

Em relação às soantes, as nasais estão adquiridas, ao contrário das líquidas. A lateral tem realização fonética de acordo com o alvo em algumas produções, mas, em outras, não é realizada ou é produzida como [m], evidenciando dificuldades com a co-ocorrência [+aproximante, +lateral]. A líquida não-lateral não apresenta nenhuma realização fonética em seu lugar, dando nova evidência da não-aquisição do traço [+aproximante].

Em OM, as plosivas labiais, dorsais e a coronal [-sonoro] já foram adquiridas. Para o alvo /d/, há o emprego de um zero fonético em seu lugar, juntamente com uma grande variação em sua produção, com a realização dos seguintes sons: [n, d, m e g]. Esse fato mostra uma dificuldade em relação aos traços de ponto e de nasalidade, mas, ao contrário, um mapeamento correto do traço [-contínuo].

Em relação às fricativas, há a ocorrência do mesmo padrão de aquisição observado em OA, pois S2 já adquiriu as coronais /s, z, ʃ/. A labial surda é realizada foneticamente como a coronal, também surda, [s] e a sonora é realizada como [v], [z], [ʒ] e, em algumas

<sup>3</sup> Os segmentos consonantais estudados são identificados em relação à sua estrutura interna, por meio dos traços que os formam, e em relação à unidade prosódica “sílabas”, com base na posição que ocupam na estrutura silábica: onset absoluto (OA), onset medial (OM), coda medial (CM) e coda final (CF).

<sup>4</sup> O critério para aquisição, seguido neste estudo, é o proposto por Yavas, Matzenauer-Hernandorena e Lamprecht (1991).

produções, não é realizada. Já em relação à fricativa /ʒ/, há alta variabilidade de produção – [ʒ, j, v, z] – incluindo a sua não-realização fonética. O funcionamento das fricativas, em OM, mostra a dificuldade que S2 tem em relação ao contraste de ponto coronal × labial, já referido anteriormente.

As nasais /m, n/ foram adquiridas, enquanto que a coronal [-anterior] é realizada em concorrência com um zero fonético. Já as líquidas laterais são segmentos que, no sistema de S2, apresentam um padrão de funcionamento muito semelhante entre si, pois ambas são realizadas como glide palatal, ou como nasal coronal ou não são realizadas, com exceção do // que, também, já emerge como [l]. As líquidas não-laterais apresentam um padrão de não-realização.

Em relação à estrutura silábica, S2 não adquiriu o *onset* complexo. As codas mediais são realizadas como [s, n] em lugar da forma fonética do /S/ e, em algumas palavras, nenhum som é realizado nessa posição silábica. Com o alvo /r/, nesta posição silábica, evidencia-se o zero fonético. Por fim, em CF, verificamos que o /S/ é realizado em concorrência com a não-realização e o /r/ não apresenta produção fonética, da mesma forma com o que ocorre em CM.

S2 apresenta, então, sistema consonantal constituído pelos seguintes segmentos:

- a) em *onset* silábico – /p, b, k, g, s, z, ʃ, m, n, ɲ/
- b) em coda silábica – /N, L/

### 3.1.3 Sujeito 3 – S3

Considerando-se as representações fonológicas da língua, S3 já adquiriu, na posição de OA, todas as plosivas. Em relação às fricativas, nessa mesma posição, S3 adquiriu as labiais e o /ʃ/. Em lugar da representação fonética do /s/, esse sujeito apresenta três formas fonéticas, [s, ʃ, f] e em lugar do /ʒ/, os sons [ʒ, v, z, dʒ]. Percebemos, com isso, a dificuldade que S3 está apresentando no funcionamento dos traços [+anterior], [coronal], no caso da fricativa /s/, e no funcionamento dos traços [coronal], [-anterior] e [+contínuo], quando o alvo é a forma fonética da fricativa /ʒ/. Em relação às nasais possíveis na posição de OA, vemos que a coronal foi adquirida, enquanto que a labial está em concorrência com as plosivas [p, b], evidenciando problemas com o traço [+nasal]. As líquidas, nessa posição silábica, não foram adquiridas e apresentam intensa produção fonética. Para o alvo //, S3 apresenta o zero fonético em concorrência com os fones [n, d, l] e, para o alvo /R/, apresenta, também, o zero fonético em concorrência com [R, ʃ, ʒ].

Na posição de OM, S3 já adquiriu todas as plosivas, bem como as fricativas /f, v, z/, as nasais e as líquidas não-laterais. Suas dificuldades referem-se às fricativas coronais /s, ʃ, ʒ/ e às líquidas laterais. Para o alvo /s/,

S3 apresenta concorrência de produção entre [s] e [ʃ], mostrando problemas com o traço [+anterior]. Para o alvo /ʃ/, também há uma concorrência de produção entre esses mesmos sons, mais a produção do [f], fato que mostra a dificuldade com o traço [-anterior] e com o [coronal]. A fricativa /ʒ/ também apresenta três possibilidades de produção fonética, [z, ʃ, ʒ], o que mostra dificuldades com os traços [-anterior] e [+voz].

Por fim, as líquidas laterais são realizadas como [r], [l] ou como o zero fonético para o alvo //. Para o alvo /ʎ/, o S3 realiza o fone [r] e algumas poucas produções de [l]. Esses dados mostram a dificuldade na aquisição do traço [+lateral], fato pouco comum nos dados de aquisição normal, uma vez que a líquida lateral // tende a emergir primeiramente, em se considerando a classe das líquidas, no sistema fonológico de crianças brasileiras. Já quanto à lateral [-anterior], embora seja de aquisição mais tardia, observamos que as crianças não costumam empregar, em seu lugar, uma líquida não-lateral, dando preferência pela realização da lateral [+anterior] ou do glide.

Na posição de Coda, S3 já adquiriu a fricativa nas posições mediais e finais. A líquida não é realizada em CM e, em CF, é realizada em concorrência com o zero fonético. Os *onsets* complexos não foram adquiridos.

Os seguintes segmentos constituem, portanto, o sistema consonantal de S3:

- a) em *onset* silábico – /p, b, t, d, k, g, f, v, z, ʃ, m, n, ɲ, R, r/
- b) em coda silábica – /S, N, L/

### 3.1.4 Sujeito 4 – S4

Em relação ao sistema contrastivo, em OA e em OM, S4 adquiriu quase todos os contrastes do PB, com exceção das fricativas coronais [+anterior] – realizando-as como [-anterior] –, respeitando a sonoridade de cada membro do par, e das líquidas não-laterais, realizando, em seu lugar, a lateral [coronal, +anterior].

Quanto à estrutura silábica, a CF não está adquirida, sendo realizada apenas pelo segmento fricativo em concorrência com a não-realização. Nos alvos compostos pela vibrante na CF, S4 realiza um zero fonético em seu lugar. A CM está adquirida, mas apenas a nasal está licenciada nessa posição. Da mesma forma que ocorre com os outros sujeitos desta pesquisa, os *Onsets Complexos* não estão adquiridos.

O sistema fonológico de S4 integra, portanto, as consoantes a seguir relacionadas:

- a) em *onset* silábico – /p, b, t, d, k, g, f, v, ʃ, ʒ, m, n, ɲ, l, ʎ/
- b) em coda silábica – /L, N/

### 3.1.5 Sujeito 5 – S5

O comportamento do sistema fonológico de S5 permite verificar que, na posição de OA, já adquiriu

as plosivas, as nasais, as líquidas e as fricativas, com exceção do /z/ que é realizado foneticamente como [s], evidenciando a dificuldade com o contraste [±voz]. Na posição de OM, S5 já apresenta em seu inventário fonológico as plosivas, as nasais, as líquidas não-laterais e a lateral [+anterior] e as fricativas coronais /s, z, ʃ/ e a labial /v/. Ainda estão ausentes, em sua gramática, a fricativa labial /f/, que apresenta concorrência entre a produção do som [f] e a sua não-realização; a fricativa /ʒ/, que é realizada em algumas ocorrências como [ʒ] e, na maior parte das produções, como [z], fato que evidencia um não estabelecimento do contraste [± anterior]; e a líquida lateral /x/, que é realizada sistematicamente como [l], também demonstrando problemas com o contraste [± anterior], nesse caso, na co-ocorrência de traços que integra a classe das líquidas.

Em relação às estruturas silábicas, S5 já adquiriu a CM e a CF, porém ainda não preenche o espaço da consoante final com a líquida /r/, não realizando qualquer som em seu lugar.

Assim, as consoantes a seguir relacionadas integram o sistema fonológico de S5:

- a) em onset silábico – /p, b, t, d, k, g, f, v, s, ʃ, ʒ, m, n, ø, l, r, R/
- b) em coda silábica – /ʃ, ʒ, η/

### 3.2 Síntese da caracterização dos sistemas fonológicos dos sujeitos pesquisados

Retomando-se os dados descritos até aqui, podemos estabelecer algumas comparações entre os sujeitos desta pesquisa, a partir de três enfoques: nível fonético, nível fonológico e relação traços fonológicos/estrutura silábica.

Em se referindo o Nível Fonético, tomando-se como referência as quatro grandes classes de segmentos já referidas (plosivas, fricativas, nasais e líquidas), é mostrado em (7) um resumo dos dados dos cinco sujeitos estudados.

- (7) a) S1 – nenhuma classe de consoantes está completa, sendo que, da classe das líquidas, não há qualquer representante;
- b) S2 – apenas a classe das líquidas está incompleta, com a ausência de duas delas;
- c) S3 – apenas a classe das líquidas está incompleta, estando ausente, em sua fala, apenas uma delas;
- d) S4 – as classes das fricativas e das líquidas estão incompletas, com a ausência de um som naquela e de dois sons nesta;
- e) S5 – apenas a classe das líquidas está incompleta, estando ausente, em sua fala, apenas uma delas.

Quanto ao Nível Fonológico, em (8) está registrada uma síntese do funcionamento da gramática das con-

soantes dos cinco sujeitos pesquisados, no espaço de *Onset*.

- (8) a) S1 – o espaço fonológico das obstruintes não integrantes do seu sistema é ocupado por outras obstruintes (plosivas dorsais); o espaço fonológico das nasais não integrantes do sistema não é ocupado, tendo um zero fonético em seu lugar, enquanto que o espaço das líquidas é ocupado por glides ou por um zero fonético;
- b) S2 – o espaço fonológico das plosivas não integrantes de sua gramática é ocupado por outros segmentos [-contínuo] (plosivas e nasais); o espaço fonológico das fricativas é ocupado pelo zero fonético ou por outras fricativas (labiais por coronais e vice-versa); o espaço da nasal não presente em seu sistema é preenchido pela nasal e pelo zero fonético e o espaço das líquidas é preenchido pelo zero fonético e por segmentos [+soante] (líquidas, nasais e glides).
- c) S3 – o espaço fonológico das fricativas coronais ausentes em seu sistema é ocupado por outras fricativas (labiais e coronais) e o espaço da nasal labial não adquirida é preenchido por plosivas, também, labiais. A classe das líquidas é a que se mostra mais instável, evidenciando que, para este sujeito, as líquidas não são interpretadas como uma única classe. O espaço das laterais é preenchido pelo zero fonético e por outros segmentos coronais, incluindo plosiva, nasal e líquida não-lateral. Já o espaço da líquida não-lateral, ainda ausente em seu inventário, é preenchido pelo zero fonético ou pelo alvo correto.
- d) S4 – a classe das fricativas não se mostra estável no sistema: o espaço das fricativas [cor, +ant] é ocupado por fricativas [cor, -ant], enquanto que o espaço fonológico das líquidas não integrantes do sistema é ocupado pela líquida [l].
- e) S5 – são três os segmentos ausentes na gramática desse sujeito. A fricativa labial ausente é preenchida pelo zero fonético ou pelo alvo correto, a fricativa coronal /z/ é realizada pelo seu par surdo e a líquida lateral [-anterior] é realizada pela [+anterior].

Quanto ao comportamento dos traços fonológicos e de estruturas silábicas, em uma retomada geral, a observação é de que todos os sujeitos apresentaram problemas relativos a traços fonológicos, ou à coocorrência de traços, com uma tendência para maior dificuldade nos estabelecimentos de contrastes referentes aos pontos articulatórios, embora também mostrem problemas de estabelecimento de contrastes entre classes de consoantes. Ainda apresentaram problemas na aquisição das estruturas silábicas, sendo que as gramáticas dos cinco sujeitos ainda não integraram a sílaba CCV. Uma síntese do comportamento dos traços fonológicos e de estruturas silábicas, nas fonologias dos cinco sujeitos cujos dados foram aqui discutidos, é apresentada em (9).

- (9) a) S1 – apresenta problemas com os traços atribuídos às consoantes [coronal], [+contínuo] e [+aproximante] e com a coocorrência [-soante, +voz]. Além da ausência da sílaba CCV, não apresenta a sílaba (C)VC;
- b) S2 – apresenta problemas com os traços [-nasal] em todas as classes, com os traços [labial] e [coronal], no contexto das fricativas e com o traço [+consonantal], no contexto das líquidas;
- c) S3 – possui dificuldades com os traços [coronal] e [labial], no contexto das fricativas; com o traço [lateral], [+aproximante] e [+anterior], no contexto das líquidas;
- d) S4 – possui problemas com as coocorrências de traços relativas às consoantes [coronal, +anterior] e [+aproximante, -lateral]. Não adquiriu a estrutura silábica (C)VC na parte interna da palavra;
- e) S5 – tem problemas com o traço [+voz], no contexto das fricativas, e com a coocorrência de traços [coronal, -anterior, +lateral].

### 3.3 A categorização da severidade dos desvios dos sujeitos deste estudo, com base na nova proposta

Com base na nova proposta de avaliação de severidade de desvio fonológico, mostrada em (6), cujo suporte está nas categorias discriminadas em (5), aos sujeitos deste estudo são atribuídos diferentes níveis, conforme discriminação em (10).

- (10) a) o sujeito 1 apresenta um desvio severo, pois seu sistema é integrante da Categoria 1;
- b) o sujeito 2 apresenta um desvio moderado-severo, pois seu sistema é integrante da Categoria 2;
- c) sujeito 3 apresenta um desvio moderado, pois seu sistema é integrante da Categoria 3;
- d) os sujeitos 4 e 5 apresentam um desvio leve, pois seus sistemas são integrantes da Categoria 4.

A revisão da proposta de Lazzarotto (2005) torna-se necessária e evidente a partir da análise dos dados aqui apresentados. Se mantivéssemos apenas 3 categorias para a classificação do grau de severidade do desvio, conforme aparece em (4), os sujeitos 3, 4 e 5 estariam enquadrados em uma única categoria. Se observarmos os sistemas desses sujeitos, fica evidente que apresentam diferenças importantes, as quais não poderiam estar enquadradas em uma única categoria, considerando-se que a meta da avaliação do grau de severidade do desvio é relevante para a escolha da abordagem terapêutica a ser adotada e para a decisão relativa a aspectos fundamentais da condução do tratamento, como, por exemplo, a definição de segmentos-alvo a serem trabalhados na terapia.

## 4 Considerações finais

Com este estudo, foram mostradas evidências no sentido de que uma proposta de classificação dos desvios, com base nos traços distintivos da língua-alvo do processo terapêutico, conforme a apresentação em (5), possa ser tomada como alternativa válida para pesquisadores e clínicos, uma vez que leva em consideração a natureza dos segmentos presentes em cada gramática. De acordo com argumentos já expressos, ao eleger o traço fonológico como fundamento para a avaliação da severidade de DF, está sendo considerada a unidade basilar na estruturação de inventários fonológicos, seja de sistemas em aquisição, seja de sistemas já consolidados em línguas naturais. Assim, a avaliação pode captar generalizações sobre segmentos e classes de segmentos, ou seja, sobre a constituição da fonologia que se revela com desvio, levando, portanto, em conta a natureza fonológica do sistema desviante.

É relevante dizer, também, que essa única abordagem, com base nos traços, pode não ser suficiente para analisar um maior número de sujeitos, podendo ser associada às medidas quantitativas, para uma determinação do grau de severidade do DF. Diante dessa realidade, acreditamos que a proposta aqui apresentada tenha que ser aplicada a um número maior de sujeitos.

## Referências

- BONILHA, G.F.G. *Aquisição de ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.
- CLEMENTS, G.N.; HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J.A. (Org.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995. p. 245-306.
- GRUNWELL, P. Developmental phonological disability: order in disorder. In: HODSON B.; EDWARDS M.L. (Org.). *Perspectives in applied phonology*. Gaithersburg: Aspen Publishers, 1997. p. 53-77.
- FREITAS, M.J. *Aquisição da estrutura silábica do português europeu*. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.
- KESKE-SOARES, M. *Terapia fonoaudiológica fundamentada na hierarquia implicacional dos traços distintivos aplicada em crianças com desvios fonológicos*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- LAZZAROTTO, C. *Avaliação e planejamento fonoterapêutico para casos de Desvio Fonológico com base na Teoria da Otimidade*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2005.
- MATEUS, M.H.; D'ANDRADE, E. *The phonology of portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- SHRIBERG, L.D.; KWIATKOWSKI, J. Phonological disorders I: a diagnostic classification system. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, v. 47, p. 226-41, 1982.
- YAVAS, M.; MATZENAUER-HERNANDORENA, C.L.; LAMPRECHT, R.R. *Avaliação fonológica da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.